

Assassinato de Gays¹

Francisco José Alves⁽²⁾

Nos últimos quinze anos a sociedade sergipana, e particularmente a aracajuana, tem convivido com um fenômeno que de atípico tornou-se corriqueiro: o assassinato de homossexuais. Entre 1983-1997 registraram-se 32 casos. Destes, somente sete foram julgados e a maioria dos processos criminais aparecem no arquivo corrente do Tribunal de Justiça com a rubrica sintomática: "sem movimentação". Quais os motivos desta inércia? Alguns indícios talvez esclareçam o fato.

Um primeiro sintoma se manifesta no modo como a imprensa trata o assunto. As ocorrências destes crimes têm, na imprensa, dado vazão ao preconceito. A imprensa, em consonância com a opinião da maioria, não perde a oportunidade de explicar o fato lastimável, apelando para as preferências sexuais das vítimas. Elas são mostradas como se de fatos fossem as únicas responsáveis pelo crime.

O sensacionalismo dá o tom destas matérias. Em muitos casos as chamadas são maiores do que as notas e elas praticamente só afirmam que a vítima era homossexual e foi morta porque procurou um homem para fins eróticos.

Imaginem a manchete: "Heterossexual morto enquanto transava com prostituta". Esta chamada é muitíssimo improvável. Certamente, a notícia destacaria a violência do crime e não a etiqueta sexual da vítima. Em se tratando do homoerotismo o caso muda de figura: a vítima é encarada como única responsável pelo desfecho trágico. O que aconteceria se muitos homens que

procuram prostitutas findassem assassinados? Será que culparíamos as vítimas?

Assim o crescimento desta violência dá oportunidade para vir à tona um componente perverso da sociedade: os estereótipos. No teatro destes dramas sangrentos vem à cena o "lugar" que se destina àqueles cujos hábitos sexuais estão na contra-mão dos "bons costumes". Os adeptos do homoerotismo devem vegetar no "folclore", na clandestinidade ou no inferno da culpa, à mercê de assassinos, tácita ou explicitamente aprovados pela opinião corrente.

Outro indício está na idéia espalhada entre os segmentos jovens, sobretudo das classes inferiores, de que "perobo" deve ser "esfolado". Nada mais natural do que preparar uma "cocó" (cilada), ou ser "bancado" (mandado) por um "boiolo". A gíria juvenil é reveladora. Um adolescente, um rapaz, sempre sabe: está na ordem das expectativas vantajosas "dar uma elza" (tisar algo, roubar) num "viado" descurado. Sob esta ótica, a vida de um gay vale pouco ou... nada.

Não nos iludamos: a maioria termina por coonestar tais crimes. Isto fica evidente nas entrelinhas das notas policiais, nos comentários que se ouve quando mais um caso acontece e, lastimavelmente, no desinteresse dos familiares pela apuração do crime. Da conjugação destes fatores resulta que os processos dos assassinatos de homossexuais andem.

¹ Devo a José Marcelo Domingos de Oliveira, aluno do Curso de Ciências Sociais da UFS, os dados numéricos sobre os assassinatos de homossexuais em Sergipe.

² Doutor em História Social - UFRJ, Mestre em Antropologia - UnB, Professor do Departamento de História da UFS

Publicado no Cinform de 4 de maio de 1998